

OS ENFERMEIROS E...

A DENUNCIA DOS MAUS TRATOS À CRIANÇA...

COORDENAÇÃO LÚCIA FREITAS / LEONOR MELO / CARMEN ANDRADE - sracores@ordemenfermeiros.pt

Proteja denunciando

Devemos ter a coragem de cumprir o dever que a lei legitima, o dever da denúncia. Atreva-se a denunciar, não cale situações em que haja violação dos direitos da criança.

ENF.ª ANA GRANADEIRO
Centro Saúde Ponta Delgada

Toda a gente fala de crianças em risco.

Toda a gente dá a sua opinião, indignando-se, acusando as famílias, a comunidade, a sociedade, as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens e os Tribunais de nada fazerem para remover o perigo da vida destas crianças. Ou seja, de serem coniventes com a constante violação de direitos a que muitas crianças estão sujeitas.

Convido-os a todos a fazerem juntos uma reflexão sobre este tema, preocupação de todos, próximo de todos e ao mesmo tempo suficientemente distante, para podermos olhar e analisar com a frieza da cabeça, o calor do coração e a coragem das palavras.

Porque os conceitos de risco e perigo, de alguma forma, nos são familiares, porque todos sabemos reconhecer quando uma criança está em risco, ou porque é negligenciada, ou porque é vítima de maus-tratos físicos ou psicológicos, ou porque está exposta a comportamentos desviantes, ou porque é abusada sexualmente, ou porque está entregue a si própria, mais importante do que explorar estes conceitos é termos o poder de interferir!

E como? Perguntam!

Resposta: DENUNCIANDO. Tendo a coragem de cumprir o dever que a lei legitima, o dever da denúncia.

Parece simples, mas não é.

É muito difícil exercer a cidadania, sair do anonimato da massa que fala, que conhece a situação, que acusa de nada se fazer, que se deveria fazer isto ou aquilo, mas que se fica por aí, nada fazendo!

É muito difícil encararmos uma menina que não nos encara e que nos diz com voz sumida e muito baixinho: "Tenho medo!". "Medo de quê?", pergunto eu, inclinando-me para ela.

E ela responde baixinho: "Que o meu pai me mate... O meu pai bate-me muito... Eu não me porto bem... O meu pai apertou-me pescoço com as mãos..."

O meu pai meteu-me a cabeça num bidão cheio de água..."

E a menina falou, falou, falou e aos poucos foi levantando os olhos e olhou-me, e cheia de coragem, baixou a gola da camisola e eu vi! Vi marcas de dedos à volta do pescoço, vi lágrimas nos seus olhos e alívio na sua voz baixinha por ter con-



Há uma menina que nos diz com voz sumida "Tenho medo!"



Sim, o anonimato está previsto e é respeitado



"Ajude as crianças a crescerem num ambiente seguro e de afecto."

seguido contar, por ter conseguido confiar.

E agora, pergunto-vos eu?!

Podemos calar situações como esta?

"Não!", respondem unanimemente. Claro que não!

E foi o que aconteceu.

Houve alguém que conseguiu sair da massa de gente que conhecia a situação e que denunciou. Denunciou a medo, medo de represálias.

"Porque o homem é doido, qualquer dia acontece uma desgraça e aquela menina morre.", dizia ele. "Eu tinha que contar, mas não quero que se saiba que fui eu."

Sim, o anonimato está previsto e é respeitado. A denúncia não requer obrigatoriamente a identificação por parte do denunciante.

Idealmente, e sempre que possível, a denúncia deverá ter

um rosto, uma voz que se identifica com um nome ou uma escrita que se assina.

Porque denunciar não é fazer queixa!

A denúncia é, antes de mais, um dever cívico, um acto de cidadania e um imperativo moral, tem a função meritória de chamar a atenção para as mais diversas situações de atropelos dos direitos humanos, de injustiças e violências.

Chega de violência contra a criança!

É muito difícil exercer a cidadania, sair do anonimato da massa que fala, que conhece a situação, que acusa de nada se fazer, que se deveria fazer isto ou aquilo, mas que se fica por aí, nada fazendo!

Atreva-se a denunciar, não cale situações em que haja violação dos direitos da criança.

O processo de denúncia, em si, não deve ser descurado, porque denunciar já é intervir. É, no tempo presente poderemos modificar o tempo futuro.

Ajude as crianças a crescerem num ambiente saudável, seguro e cheio de afectos.

Dê-lhes a oportunidade de virem a ser cidadãos saudáveis e bem adaptados à sociedade em que vivemos.

De não repetirem com os seus filhos situações de negligência e maus tratos de que foram vítimas.

Quebre o ciclo

Uma reflexão, uma mensagem, um apelo de uma enfermeira, membro de uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em comemoração do Dia Mundial da Criança. ||